



REPS - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 860-868, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEÇÃO ENTREVISTA

INTERLOCUÇÕES ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS, A EDUCAÇÃO E OS ESTUDOS DECOLONIAIS

MARIA LÚCIA CASTAGNA WORTMANN¹

Esta edição da Revista Eventos Pedagógicos, tem como temática os Estudos Decoloniais. Os objetivos da entrevista oportunizam aos leitores e pesquisadores da área reconhecer a importância dos Estudos Decoloniais para o entendimento das dinâmicas sociais e, em particular para a nossa área de interesse que é a Educação, da mesma forma pretende, estabelecer os pontos de encontro entre os Estudos Culturais e a Decolonialidade. A escolha de nossa entrevistada, Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann, deve-se às pesquisas e publicações na área dos Estudos Culturais na Educação e de sua grande e expressiva experiência na graduação e na Pós-graduação.

A professora possui graduação em História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo realizado doutorado-sanduiche com bolsa CNPq na Université Pierre et Marie Curie (Paris VI). Atualmente é professora/pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos em Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), grupo de pesquisa CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do SUL. Foi professora/pesquisadora adjunta da Universidade Luterana do Brasil, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação e professora pesquisadora convidada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, função que desempenhou de março de 1995 até junho de 2021. Foi, também bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq, entre os anos de 1996-2000. Anteriormente foi professora de Ciências e Biologia no Colégio de Aplicação da UFRGS e coordenou as etapas 4 e 5 da Licenciatura Curta em Ciências pelo Convênio

PREMEM/SEC/UFRGS. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Estudos Culturais em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos culturais em educação, estudos culturais, educação em ciência, pedagogias culturais e estudos culturais de ciência.

Agradeço a honra que a Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Castagna Wortmann nos concedeu ao disponibilizar seu tempo, ao aceitar o convite para compartilhar conosco seus saberes que contribuirão sobremaneira para o enriquecimento desta edição da Revista Eventos Pedagógicos

Janete Rosa da Fonsecaⁱⁱ

1 – Janete Rosa da Fonseca: Professora, desde 1995, a senhora vem orientando dissertações de mestrado e teses de doutorado que buscam articular o campo da educação aos Estudos Culturais. Como se dá essa articulação, entre educação e os Estudos Culturais?

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Em primeiro lugar, agradeço teu contato, querida Janete. E registro minha satisfação em te reencontrar, passados tantos anos após a defesa de tua dissertação de mestrado. Registro, também, minha satisfação ao constatar a qualidade das ações acadêmicas que tens realizado nos últimos tempos e a importante pesquisadora que te tornaste! Em relação a tua pergunta, creio ser possível dizer que esta articulação tem sido procedida de muitas formas. Os Estudos Culturais não possuem uma metodologia ou uma teorização fundadora que defina como as análises culturais devam ser realizadas. Como Lawrence Grossberg, um dos mais importantes praticantes de Estudos Culturais nos dias atuais, tem reiteradamente registrado, os EC. são “uma prática crítica que incorpora um comprometimento com a complexidade, a contingência e a contextualidade e se direcionam ao discurso político e à cultura” (Grossberg.2019). E como este autor também assinala: “os EC são uma conversação em andamento” (Grossberg.2019). Enfim, os EC são um campo, ou um não-campo, tal como a esses se refere Murray (2020), complexo, disperso e transgressor, no sentido de atravessar limites precisos que delimitam saberes. Cabe registrar, que também a Educação é um campo complexo e amplo e que o entendimento acerca do que é o ‘educativo’ foi ampliado, a partir das compreensões que alcançamos ao ligar a Educação aos EC. Assim, quando se lida com Educação sob a inspiração dos EC faz-se necessário transitar por problemáticas variadas, que

ora são focalizadas a partir de narrativas que povoam os programas gestados a partir de iniciativas dos Governos brasileiros, ora a partir de narrativas capturadas nas diferentes mídias e redes sociais, ou ainda no cinema, na literatura, nos museus, entre outras instâncias culturais. Além disso, tornou-se necessário, também, transitar em variadas (e combinadas) abordagens metodológicas para conduzir os estudos em educação sob sua inspiração.

2 – Janete Rosa da Fonseca: No livro, **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação**¹, a senhora traz no capítulo: Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais)², especificamente, na página 169, uma reflexão sobre a crítica feita aos estudos Culturais realizada por um autor, onde esse autor, na época, afirmava que a própria utilização do termo Estudos Culturais representaria mais uma das formas de nos posicionarmos como colonizados. A senhora já deixou claro que esta consideração do autor parece reduzir as compreensões sobre o campo dos Estudos Culturais, poderíamos então afirmar que existe um ponto de convergência entre os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais? E quais seriam ?

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Em meu ponto de vista, um dos mais importantes delineamentos pensados para os EC relaciona-se à disposição de promover análises que coloquem em articulação teorizações e metodologias de outros campos e movimentos sociais. Em função disso, é possível dizer que os EC ganham diferentes enfoques e direções não apenas nos diferentes locais em que são praticados, mas, também, a partir das articulações que são praticadas nas análises por estes inspiradas. A discussão dos processos colonizadores implicados em ações interculturais, bem como de noções tais como nacionalidade e hibridação, por exemplo, configuram-se como importantes e produtivas direções assumidas nestes estudos. Na medida em que os estudos decoloniais enfatizam a importância de assumirem-se práticas, experiências e saberes gestados para além do eurocentrismo,

¹ SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.) **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação**. Canoas, Editora da ULBRA, 2005.

² WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais)**. In: **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação**. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.) Canoas, Editora da ULBRA, 2005.

interessando-se pelo entendimento dos processos de construção de relações de poder-saber, bem como pela desconstrução de postulações gestadas na racionalidade moderna, encontro muitas possibilidades de diálogo entre as práticas assumidas nos EC e nos Estudos Decoloniais.

3 – Janete Rosa da Fonseca: Embora o campo dos Estudos Culturais seja um campo aberto e potente para o desenvolvimento de pesquisas em diversos âmbitos, poderíamos questionar, a quem pertencem os Estudos Culturais? De quem são privativos estes estudos?

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Bom, não sei se entendi bem a direção da pergunta, mas vou tentar respondê-la. Eu sempre penso que os EC são estudos em articulação e que isso faz com que estes se projetem para discutir diferentes temas, situações e caminhos metodológicos. Ou seja, os EC não são privativos a nenhum campo de saber. Pode-se dizer que estes estudos buscam situar-se em “entornos”, ao tentarem sempre escapar dos limites disciplinares. Edgar Kirchof, Marisa Costa e eu (2015) reunimos, na Apresentação que fizemos do livro “Estudos Culturais & Educação – contingências, articulações, aventuras, dispersões”, um conjunto de expressões, tais como “tumulto teórico”, “projeto cultural disperso”, “antidisciplina ou pós-disciplina”, “terreno conturbado de discussões e (des)encontros”, “intensamente reducionistas”, “teorias viajantes”, “campo híbrido”, “uma política do presente”, “sem garantias”, enunciadas por estudiosos como Stuart Hall, Lawrence Grossberg, Heloisa Buarque de Hollanda, Jesús Martín Barbero, Eduardo Restrepo, que me parecem indicar, muito bem, como tais estudos não aspiram a serem incluídos em uma delimitante classificação disciplinar. Enfim, os EC não são privativos de nenhum campo, nem aspiram alcançar o estatuto de um campo e é por isto, que Murray (2020) a esses se refere como um não-campo!

4 – Janete Rosa da Fonseca: No artigo, Por Que Estudos Culturais?³, encontramos esta importante abordagem sobre a necessidade de valorizarmos conhecimentos

³ BONIN, Iara Tatiana. RIPOL, Daniela. WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Por Que Estudos Culturais?** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 2, e100356, 2020.

<http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236100356>

“outros” no espaço universitário, “nos espaços acadêmicos, as presenças negra e indígena vêm expandindo o campo possível de intervenções e de problematizações na medida em que esses estudantes reivindicam reconhecimento, respeito, espaço de expressão e lugar de fala no âmbito da formação universitária como um todo.” Podemos falar que aqui acontece um importante enlace teórico entre os Estudos Culturais, a Educação e os Estudos Decoloniais?

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Sim, penso que este é um importante compromisso que pode aproximar estas duas direções de estudos, sem necessariamente enredá-las definitivamente. Marisa Costa, Rosa Maria Silveira e eu indicamos, em texto de 2015, que mostra uma importante direção buscada nos estudos que articulam a Educação aos Estudos Culturais volta-se a lidar com o operador conceitual identidade diferença. Porém, esta não é a única direção para a qual estes estudos se voltam. Tanto neste texto, quanto em outros que tenho escrito com competentes colegas como Daniela Ripoll, Luis Henrique Sacchi dos Santos, Iara Tatiana Bonin, Edgar Kirchof, Maria Angélica Zubarán, por exemplo, vimos mostrando que os EC em Educação seguem uma grande diversidade de trajetórias, e até mesmo percursos distintos. Ou seja, estes estudos possuem uma grande abertura para procederem a conexões, desconexões e reconexões com outros campos de saberes. Assim, tanto podem dedicar-se a discutir problemas que afetam diferentes grupos sociais envolvendo-se com questões de gênero, raça, sexualidade, geração, conferindo centralidade ao questionamento de posições essencialistas relacionadas ao sujeito e à subjetividade, quanto adentrarem ao campo do currículo e das pedagogias pensados em uma dimensão cultural e desterritorializadas de sua matriz enunciativa exclusivamente marcada por expressões afetas ao campo da educação, tal como Costa, Bonin e eu indicamos em texto publicado na revista *Currículo sem fronteiras* em 2016. Nessa direção, os estudos têm ressignificado questões, discursos, práticas, artefatos e até mesmo espaços pensados como pedagógicos.

5 – Janete Rosa da Fonseca: O campo dos Estudos Culturais permite muitas vezes aos pesquisadores incursionar por outras áreas como a história, a literatura, o cinema, a música, entre outras. Nos fale dessa natureza interdisciplinar dos Estudos Culturais.

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Eu sublinharia que os EC autorizam e estimulam seus praticantes a incursionarem por diferentes áreas, pois essas incursões se fazem

necessárias para que se torne possível pensar mais acuradamente sobre como se processam as construções culturais implicadas com as formas prevalentes de compreensões que circulam sobre o mundo e os sujeitos que o povoam. Notadamente neste tempo em que as mídias sociais alcançaram uma projeção às vezes até assustadora, torna-se importante atentar para os processos que essas desencadeiam e que a elas se atrelam. Cabe atentar, especialmente, por exemplo, para os ensinamentos que essas instâncias privilegiam, pois isso nos ajuda a pensar contextualmente as problemáticas que investigamos. Cabe também buscar desconstruir as postulações que são gestadas em tais redes; em outras palavras, cabe exercitar o que Giroux (1995) registrou: “é preciso aprender a ler criticamente as mídias”

6 – Janete Rosa da Fonseca: Professora, sua caminhada na pesquisa é inquestionável e admirável. No livro *Caminhos Investigativos II- Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*⁴, no capítulo, magistralmente escrito pela professora, “Análises Culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação”⁵, na página 78, a professora nos fala da importância de expandir as reflexões para além da sala de aula, sobre temas que permitem articular análises culturais em educação. Nos fale sobre sua experiência nos Cursos de Graduação ao propor essas articulações.

Maria Lúcia Castagna Wortmann: Vou dar destaque ao título do artigo que citaste, porque articular a educação aos EC exige certamente que assumamos “outros modos de pensar a educação”. E isso inclui, em primeiro lugar, ampliar o que se pensa ser “o pedagógico”, bem como as instâncias que têm sido definidas como capazes de atuar pedagogicamente. Martín Barbero (2002) já nos alertava sobre isto ao registrar as profundas transformações ocorridas nos modos de circulação dos saberes. Barbero (ibid) salientou que esses não mais circulam apenas nos lugares sagrados que anteriormente os detinham – a escola e a academia–, tendo deixado, também de serem gerenciados pelas reconhecidas figuras sociais que anteriormente os

⁴ COSTA, Marisa Vorraber (org.) Neto, Alfredo Veiga. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, DP&A,2002.

⁵ WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Análises Culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação**. In: **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. COSTA, Marisa Vorraber (org.) Neto, Alfredo Veiga. Rio de Janeiro, DP&A,2002

administravam –os pedagogos, os legisladores educacionais, os cientistas. Tal registro me leva a comentar, brevemente, o uso que temos feito da expressão “pedagogias culturais”, para nos referirmos a essas pedagogias. Essa expressão foi utilizada por Henry Giroux (1995;2001), Shirley Steinberg (1997), entre outros estudiosos de EC, para registrar as ações pedagógicas mobilizadas em espaços usualmente não identificados como tal. Esta expressão tem sido bastante discutida pois, algumas vezes, ela parece não incluir as ações propriamente escolares. Cabe registrar que tal como sucede com as pedagogias escolares, as pedagogias ditas culturais envolvem a organização e a regulação de processos produtivos simbólicos através dos quais os significados são absorvidos, reconhecidos, compreendidos, aceitos contestados, distorcidos, ampliados, ou descartados, tal como salientou Roger Simon (1995). Pensar em pedagogias culturais conduz a proceder a uma pluralização do pedagógico, bem como a sua “adjetivação”. Referimo-nos, então, a pedagogias da mídia, pedagogias do cinema, pedagogias da diferença, pedagogias do corpo, pedagogias da noite, pedagogias do rap, entre outras adjetivações abordadas em análises culturais realizadas em inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado que se valem dos EC e que marcam a dimensão pedagógica dessas instâncias e locais. Levar os graduandos a entender esta pluralização do pedagógico é um dos aspectos para os quais atentei em minhas propostas de ensino, que incluíam ressaltar as pedagogias em ação na literatura, incluindo a literatura infantil, infanto-juvenil, literatura de viagem, folhetins, quadrinhos..., bem como nos anúncios publicitários, nas novelas, nos noticiários, nas mídias sociais como o facebook e o Instagram, Youtube, no cinema, nos museus, nas canções, nos ritos e nas práticas sociais, enfim, na imensa variedade de produções culturais que circulam na cultura contemporaneamente. Outro aspecto que sempre destaquei envolve sublinhar que nessas instâncias (e em outras mais) constroem-se as visões de mundo e de sujeito que circulam nas sociedades. Outro destaque incluído em minhas propostas de ensino envolveu o registro de que as premissas metodológicas e as teorizações que organizam nossos saberes são também produzidas culturalmente, decorrendo disso o teor relativo de verdade que a essas deva ser atribuído. Para atender a este propósito foi necessário, portanto, alterar substantivamente a bibliografia recomendada para leitura pelos alunos. Alguns dos livros que me auxiliaram a alcançar meus propósitos foram: “Documentos de identidade. Uma introdução às

teorias do currículo, da autoria de Tomaz Tadeu Silva (1999), e “Alienígenas em sala de aula”- uma introdução aos Estudos Culturais (1995), organizado por Tomaz Tadeu Silva e que reúne relatos de estudos realizados na perspectiva dos EC em diferentes locais geográficos. Como ressaltai anteriormente os EC, notadamente ao serem pensados com o aporte do pós-estruturalismo, nos levam a olhar para a educação de outras formas que incluem questionar os ideais e princípios que regem a educação moderna e iluminista, incluindo as vertentes críticas em educação, assumidas com bastante ênfase, em muitas universidades brasileiras. Aliás, relativizar o teor de verdade atribuído a teorizações, metodologias e abordagens assumidas na educação ao longo do tempo, constitui-se em um grande desafio a ser enfrentado, quando se assume essas vertentes como inspiradoras de nosso trabalho.

Obrigada pelo convite e pelas perguntas, que me levaram a fazer tantas reflexões!

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. Jóvenes: comunicación y identidad. Organización del Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura: pensar Iberoamerica. **Revista de Cultura** (revista digital). N.0, Febrero, 2002.

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Por Que Estudos Culturais? **Educação e Realidade** – Edição eletrônica, v. 45, p. 1-22, 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros**. A prática política dos estudos culturais. Porto Alegre: ARTMed, 2001.

GROSSBERG, Lawrence. What did you learn in school today? Cultural Studies as pedagogy. In: AKSIKAS, Jaafar; ANDREWS, Sean Johnson; HEDRICK, Donald (eds.). **Cultural Studies in the Classroom and Beyond. Critical Pedagogies and Classroom Strategies**. Palgrave Macmillan, 2019.

KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber. Apontamentos à guisa de Introdução. IN: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais & Educação**. Contingências, articulações, aventuras, dispersões. Canoas: Editora da Ulbra, 2015.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Cristina Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil**. Revista Educação (PUCRS. Online), v. 32, p. 32-48, 2015. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/1844>

MURRAY, Sarah. Postdigital cultural studies. **International Journal of Cultural Studies**, vol. 23(4) 441–450, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

STEINBERG, Shirley; Kindercultura. A construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luís Heron et alii. **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: PMPA/SMED, 1997

Recebido em: 29 de julho de 2022.

Aprovado em: 23 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6431/7342>

ⁱ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), tendo realizado doutorado-sanduíche com bolsa CNPq na Université Pierre et Marie Curie (ParisVI). Professora/pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos em Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), grupo de pesquisa CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). Professora/pesquisadora adjunta da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1170394892718040>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6029-3656>

E-mail: wortmann@terra.com.br

ⁱⁱ Doutora em Educação pela Universidade UDELMAR, Chile. Título de Doutora concedido pela Universidade com "Distinção Máxima". Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4564086131381479>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7732-0385>

E-mail: janete.fonseca@ufms.br